

Lindas, bonitas, gentis e graciosas nos divertimentos, práticas corporais e esportivas (Uberlândia e Uberaba – MG, 1918- 1943)

Igor Maciel da Silva¹

Resumo: Apresentamos neste artigo, ‘resultados finais’ de uma investigação sobre a presença das mulheres nos divertimentos, práticas corporais e esportivas nas cidades mineiras Uberlândia e Uberaba, entre os anos de 1918 a 1943. A metodologia empregada foi a análise da imprensa escrita dessas cidades, tendo como fontes os jornais *A Tribuna* (Uberlândia) e *Lavoura e Commercio* (Uberaba). O arquivo consultado foi o da Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, localizado em Belo Horizonte-MG. O recorte temporal se justifica por existirem na Hemeroteca exemplares desses jornais referentes a esses anos. Como considerações percebemos que as mulheres estiveram e desempenharam práticas análogas de divertimentos, corporais e esportivas nessas cidades, como por exemplo, a presença nas assistências de turfe, futebol e cinemas, em *pic-nics* e nas práticas das modalidades esportivas cestobol e voleibol. Contudo, Uberlândia se destacou pela presença de mulheres na prática esportiva natação.

Palavras-chave: Mulheres; Divertimentos, práticas corporais e esportivas; Uberaba; Uberlândia; História regional.

Abstract: The objective of this article is to present the ‘final results’ of an investigation into the presence of women in amusements, corporal and sports practices in the cities of Uberlândia and Uberaba between the years 1918 to 1943. The methodology used was the analysis of the written press of these cities, as sources the newspapers *A Tribuna* (Uberlândia) and *Lavoura e Commercio* (Uberaba). The archive consulted was the Library of the State Public Library Luiz de Bessa, located in Belo Horizonte-MG. The temporal cut is justified by the existence of copies of these newspapers in the Hemeroteca referring to those years. As a consideration, we have noticed that women have been and have performed similar practices of bodily and sporting amusements in these cities, such as presence in turf, football and movie theaters, picnics and cestobol and volleyball practices. Yet, Uberlândia was highlighted by the presence of women in the practice of swimming.

Keywords: Women; Amusements, corporal and sports practices; Uberaba; Uberlândia; Regional history.

Gorgeous, beautiful, kind and graceful in the amusements, corporal and sports practices (Uberlândia and Uberaba - MG, from 1918 to 1943)

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (UFMG), Linha de pesquisa Lazer, História e Memória. Licenciado em Educação Física (UEMG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7695738227562483> Contato eletrônico: deigorparalaboratorios@gmail.com

No Brasil, em regiões como o Sudeste, na virada do século XIX para o XX, muitas cidades fomentaram a exposição pública de homens e mulheres, buscando incutir a “construção de uma sensibilidade moderna” nos sujeitos (MELO, 2012, p.128). Tal idealização foi considerada como resultante “de um extenso e eclético conjunto de experiências sociais, que alteraram de maneira radical formas, pensamentos, epistemologias, inauguraram novas crenças e convicções” diversas (DIAS, 2009, p.13-14). Desse modo:

A urgência de civilizar o país, modernizá-lo, espelhá-lo nas potências industriais e inseri-lo no mercado de capitais redefine hábitos, atitudes e comportamentos de homens e de mulheres na medida em que modificam-se, também, a oferta de serviços e produtos, as possibilidades de trabalho e de divertimento (GOELLNER, 2000, p.63).

Mesmo que no referido período as mulheres começassem a ser mais incentivadas a usufruírem do espaço público das cidades, junto das inúmeras ofertas de divertimentos que se constituíam, como os cinematógrafos, clubes recreativos e literários (GOELLNER, 1998) e a prática elitista dos esportes (GOELLNER, 2008) - esse último que era considerado “um novo (ainda que guarde semelhanças com práticas análogas de períodos anteriores) fenômeno social que ocupará espaço cada vez mais relevante” (MELO, 2012, p.127) - muitas foram as prescrições veiculadas pela imprensa, motivadas por discursos médicos eugenista e higienista, religiosos e também Legais, para que as mulheres quando estivessem nesses espaços tivessem o discernimento do que era lícito ou ilícito à elas, visto que as normas vigentes prescreviam que se confinassem no lar, cuidando dos afazeres da casa, filhos e desejos dos seus maridos (GOELLNER, 2008).

Demarcamos que o termo divertimentos é entendido neste artigo como os momentos de entretenimento que não tem um interesse explícito para a realização e vivências de práticas, prevalecendo a distração e ludicidade. Inclui a presença dos sujeitos em salas de cinemas, teatros, ruas, esportes etc., de forma passiva ou ativa. Ao passo que, consideramos as práticas corporais e esportivas como momentos que podem ter o caráter lúdico e de entretenimento como nos divertimentos, todavia, possuem fins mais específicos como a promoção da saúde e a competição.

Sobre o que a historiografia disserta da presença das mulheres nos espaços dos divertimentos, prática corporais e esportivas, sabemos que “turfe, remo, natação, esgrima, tênis, arco e flecha, ginástica e ciclismo, são algumas das modalidades que inicialmente registram o maior número de mulheres praticantes” no final do século XIX e início do XX no Brasil (GOELLNER, 2008, p.16). Já o estudo de Melo (2009, p.73-75) aponta a natação e o

atletismo como “esportes que as mulheres estiveram pioneiramente presentes” no País, praticando e competindo no mesmo período. Também,

A Esgrima, a partir da década de 1860, no Brasil, começa a ser ensinada em aulas particulares e em agremiações esportivas, *acontecendo* a prática das mulheres. No caso dos torneios, às mulheres eram reservadas as arquibancadas: a elas era permitida a prática em espaços privados, mas não em disputas públicas (MELO, 2009, p.73-75).

Sobre a relação das mulheres e esportes em Belo Horizonte, capital mineira, na primeira metade do século XX:

É na centralidade do corpo como objeto de intervenção que estratégias foram construídas e instituídas para educar sentidos e comportamentos. Uma delas foi o esporte. O desejo de modernizar-se perpassava a necessidade de prática e de presença nos momentos destinados ao esporte, seja ele profissional ou amador (...). A relação da mulher com o esporte foi também alvo de muitas falas. A todo o momento elas eram incentivadas a participar do mundo esportivo, mas não a todo ele. Seu espaço era na torcida, incentivando os *sportmen*² em suas atividades e nos esportes “leves”, ou seja, esportes que não demandem muita força física pois a fragilidade feminina não suportaria (CUNHA, 2008, p.5).

Em Uberaba e Uberlândia, analogamente, as mulheres estiveram presentes em variados divertimentos, participando de formas diferenciadas: assistentes do turfe, futebol e salas de cinemas; organizadoras de *pic-nics* e festas beneficentes, e competições nas modalidades esportivas voleibol e cestobol. Já Uberlândia se destacou especificamente no que tange a presença das mulheres praticando e competindo no esporte natação.

Na gênese, Uberlândia era um distrito de Uberaba, quando ainda denominava-se Uberabinha. Pelo fato de na primeira, os esportes aquáticos estarem em pleno progresso, e já que tal modalidade demonstrava o adiantamento e salubridade de um povo segundo algumas das ideologias vigentes, fez-se a troca do nome da cidade. Pois, além de soar como um diminutivo de Uberaba, essa não possuía um local adequado para esse esporte. Assim, de Uberabinha passou a chamar-se Uberlândia (A TRIBUNA, 1938, n. 1203, p.5).

Sobre as práticas de divertimentos e competições esportivas em Uberaba, o município se considera o pioneiro de Minas Gerais a duelar com times de futebol de São Paulo no início do século XX (SILVA; LIMA, 2016). Tal acontecimento denotava modernidade para a época,

²A expressão *Sportmen* era o título dado a homens envolvidos nos meios esportivos em meados do século XIX e XX, de forma prática ou não, que deveriam se apresentar “física e moralmente como uma figura próxima da perfeição” (MELO, 2009, p.84).

visto que São Paulo era divulgada como uma das mais importantes cidades do País no que se refere a modernização dos hábitos, práticas, espaços etc. (SEVCENKO, 1992). E também,

por causa da sua situação de entreposto comercial obrigatório entre Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro, Uberaba acabava funcionando como ponto de referência simbólico e geográfico para toda a região, a “Princesa do Sertão”, como era conhecida; lugar de intermediação entre a modernidade civilizada do litoral e a ruralidade atrasada do sertão. No início dos anos 20, quando jovens de Anápolis (GO) estavam interessados em praticar o futebol, era até Uberaba que viajavam para comprar bolas, chuteiras e uniformes (DIAS, 2013, p.39).

A preocupação com o movimentar-se dos corpos uberabenses perpassou pela leitura da coluna de um renomado professor e jornalista local, Alceu de Souza Novais³. No texto inaugural de sua coluna em 1933, *Os Desportos*, esse destaca que “ao mesmo tempo que o esporte desvia os jovens da madraçaria, faz nascer o espírito da camaradagem, serve para sublimação dos impulsos” (NOVAIS, 1933, n. 6407, p.02). Afirmção que corrobora com os ideais vigentes de saneamento dos hábitos que fez das práticas de divertimentos e esportivas motivos para cultivar os corpos com “alegria, sentido de saúde” (NOVAIS, 1933, n. 6407, p.02), nacionalismo, e também para a afirmação de hábitos modernos que se buscavam incutir nos sujeitos (SILVA, 2012).

Alceu Novais afirma que é pelas mulheres “que devemos começar a educação do homem, pois só assim proles saudáveis estariam garantidas”. Contudo, sobre as práticas de divertimentos e esportivas para as cidadinas considera que, “as dezenas de jogos com balões, as corridas, etc. viriam como complemento ao foot-ball, que exigem músculos novos e vigorosos e que não se presta as mulheres” (NOVAIS, 1933, n. 6407, p.02). Aconselhando que “praticuem ás moças a ginastica rítmica, as dansas helênicas, o cestobol e a natação, exercícios que farão, mais tarde, a mulher de maternidades fáceis e de belos filhos”, e também que não se esgotassem prematuramente nos bailes dançantes (NOVAIS, 1933, n. 6039, p.02).

O professor ainda orienta que as pessoas mais fortalecidas de ambos os sexos deveriam praticar a ginástica sintética, ou profilática e higiênica, pois tal prática é responsável por “acelerar as pulsações cardíacas e os movimentos respiratórios” (NOVAIS, 1933, n. 6032, p.2). No esporte, ressalta Alceu, se dava a somatória de dois tipos de ginásticas: analítica e sintética, e pela prática tornar-se-ia forte e sadio os corpos de homens e mulheres (NOVAIS, 1933, n. 6032, p.2). Entretanto, essas práticas deveriam ser complemento da corrida, salto e

³Uma primeira análise sobre a coluna de Alceu foi realizada por Silva e Avelar (2016).

dos jogos esportivos, e não a opção principal (NOVAIS, 1933, n, 6409, p.02), segundo o autor.

Sobre um dos principais espaços de divertimento do início do século XX, vale dizer que a constituição de clubes recreativos parece ter sido presente em todo o Estado de Minas Gerais no referido período. Através da leitura da transcrição que segue, podemos refletir sobre o quanto esses recintos foram direcionados à classe social de melhor poder aquisitivo das cidades, proporcionando a “circulação de discursos civilizatórios” que estavam em voga, incentivando trocas e perpetuação de práticas e saberes não só de divertimento (ROMÃO, 2015, p.04).

Um controle perfeito dos pequenos jornais e semanários do interior do Estado de Minas Gerais leva a verificação de que, nos últimos seis meses intensificou-se, em todas as cidades mineiras, a organização e fundação de clubes sociais, literários ou recreativos. Este é, sem dúvida, um índice seguro e promissor do retorno de Minas a uma época de prosperidade e fastígio. Os clubes, além de contribuir para o reerguimento do nível social, cultural e artístico das coletividades, formam um indicador incontestável do ritmo novo e brilhante da vida do Estado. Em Minas, eles serão mais um traço de união entre os mineiros, criando afinidades, estimulando o espírito associativo tão necessário em todos os setores das atividades humanas, propiciarão um maior encanto e maiores atrações para a nossa vida em comum (A TRIBUNA, 1937, n. 1134, p.06).

Em Uberlândia, uma propaganda presente no jornal *A Tribuna* se refere ao *Club Independencia de Uberlandia* como sendo “sem exagero o melhor estabelecimento da cidade”, e junto faz o convite para que todos aqueles que se encontrassem na região não deixassem de ir ali, pois se teria “o ensejo de passar algumas horas em companhia de cavalheiros educados e de destaque social da Cidade e de outros pontos do Brasil Central, que lhe proporcionarão alegria e conforto” (A TRIBUNA, 1935, s/n, p.20). O referido *Club* parece ter sido frequentado por sujeitos da classe mais abastada, pois através do trecho supra, percebemos que os homens presentes deveriam ter o atributo de educação e, sobretudo, estarem no lugar de destaque social da localidade, além de proporcionarem conforto aos que por ali passassem.

Para além de tal ponderação, percebemos que o *Club Independencia de Uberlandia* pode ter ido além do propósito dos clubes de Minas como supracitado, de “serem mais um traço de união entre os mineiros” (A TRIBUNA, 1937, n. 1134, p.06), pois parece ter possibilitado a circulação de mineiros e goianos através da referência feita ao ‘Brasil Central’. Apresentamos essa afirmação por meio das reflexões de Dias (2013), em que o autor designa essa expressão como um termo que inclui as cidades do Triângulo Mineiro e algumas do Estado vizinho, Goiás.

Uma prática interna comum nos clubes recreativos em diversos lugares do Estado e País foi a promoção de bailes dançantes (JUNIOR, 2012). Sobre a presença dos bailes em Uberaba lemos o seguinte convite: “hoje, na forma costumeira, haverá na sede desta simpática sociedade, mais uma reunião dansante, oferecida pela diretoria aos seus sócios. As dansas terão início às 20 ½ horas, durante até à meia noite” (LAVOURA E COMMERCIO, 1933, n. 6084, p.04). Tal convite, junto a um dos conselhos supra apresentados do professor Alceu Novais, de que as mulheres não deveriam se esgotar prematuramente nos bailes dançantes, nos encaminha a reflexão de que o público frequentador de tais momentos podem ter sido também as mulheres adultas, já casadas, pois entendemos a expressão ‘prematuramente’ como fazendo referência a idade e o estado civil solteira. Assim, pensamos que a notícia jornalística era veículo de aconselhamento para que as mulheres não casadas não se expusessem nas danças, pois contatos físicos prematuros poderiam “comprometer” a possibilidade de serem entendidas pela sociedade como futuras boas esposas.

Além do fomento as práticas que compunham a programação interna dos clubes, outros eventos referentes aos mesmos se apropriaram dos espaços extra-clube. Em Uberaba, um *pic-nic* parece ter incluído os jovens solteiros da classe mais abastada, “rapazes e senhorinhas”, que “adheriram ao projecto”, isto é, pagaram para ir, e além de uma possibilidade de se entreterem, a imprensa local anunciou o *pic-nic* de forma a demonstrar a distinção de tal acontecimento através de seu *menu*. Segue:

Uma optima iniciativa tiveram os rapazes e senhorinhas do nosso Uberlandia Club: promover um pic-nic cordial, em que, ao entusiasmo dos participantes, case-se o saber de opíparos manjares e bebidas finas que serão servidos na ocasião. O local escolhido para o convívio foi o de “Sobradinho” e ficou marcado o proximo domingo para a realização daquele. A partida se dará às 5 horas da madrugada, em autos e pardineira, da Praça Antonio Carlos, aonde devem comparecer, portanto, os que adheriram ao projecto do pic-nic (A TRIBUNA, 1939, n. 1296, p.1).

Através da análise de dados, percebemos que as mulheres não participaram apenas da organização de eventos dos clubes. No *Lavoura e Commercio* lemos o convite da *Casa de Diversões São Luiz e Roial* para que elas comparecessem a sessão cinematográfica dedicada às moças e o filme exibido seria um de grande êxito cômico: *Mulheres de todas as nações*. Nessa ocasião, o jornal ressaltou que se teria a presença de “um mundo de mulheres bonitas” (LAVOURA E COMMERCIO, 1933, n. 6046, p.2). Tal afirmação, nos incita a pensar no sentido de divulgar as mulheres dessa forma em tal anúncio, demonstrando, talvez, o quanto

que era desejoso que apenas as mulheres incluídas no ideal de beleza vigente comparecessem a esse momento.

Ressaltamos que o atributo da beleza era uma das principais ‘peças-chave’ para um bom casamento no período em questão (SANT’ANNA, 2014). Desse modo, ao anunciar que compareceria “um mundo de mulheres bonitas”, um chamamento do sexo oposto para a ocasião era feito, e mais que isso, a preocupação em ressaltar essa característica das presentes (bonitas), faz concordar que “a nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma” (BUTLER, 2000, p. 116). Isto é, além de certas práticas serem restritas a classe mais abastada local, outra forma de restrição pode ter sido a de que além de ricas, as presentes deveriam ser bonitas.

Percebemos que adjetivações feitas pela imprensa acerca do tipo de mulher que deveria comparecer nos espaços de divertimentos, aconteceu também nos encontros esportivos. Identificamos que a presença feminina em tais momentos fez se destacar de formas que extrapolaram a característica física de beleza, e requereram desse público frequentador características como graça, leveza e requinte.

Por exemplo, em uma competição de Turfe em Uberaba, a imprensa local anunciou que o sexo feminino “se representou exuberantemente no que a nossa sociedade tem de elegante e chic no seu *grand monde*”(LAVOURA E COMMERCIO, 1918, n. 2097, p.03). Em 1933, em tom comemorativo, o mesmo jornal anunciou que em outro encontro turfístico, “numerosas senhoras e senhorinhas da nossa melhor sociedade davam um ar festivo à reunião, quando nas anteriores quase só se via o sexo forte” (LAVOURA E COMMERCIO, 1933, n., 6382, p.04). Ou seja, no primeiro trecho apresentado percebemos a importância de as mulheres comparecerem na arena de turfe bem vestidas, e ao referenciar o ‘sexo forte’ no segundo trecho, notamos que elas eram consideradas o sexo frágil perante os homens e sociedade. Tais considerações podem indicar que além de se considerar o corpo feminino como biologicamente fraco, acrescentava-se a ele o papel de submissão para que desempenhasse ações de ‘abrilhantar’ os espaços de divertimentos com indumentárias e graça, tendo o compromisso de provocar sentimentos festivos que trariam satisfação e alegria ao sexo oposto.

Em Uberlândia, as mulheres tomaram frente de madrinhamentos de times de cestobol e futebol masculino, sendo eleitas como ‘Rainhas do Esporte’ (A TRIBUNA, 1933, n. 713, p.03; A TRIBUNA, 1933, n. 730, p.02). O espaço do futebol também celebrou claramente a

presença feminina, e de início nos deparamos com a adjetivação *Bello Sexo*, que está a par da reflexão supra, sobre os interesses de as mulheres (não todas) estarem nos divertimentos:

Premios ao Bello Sexo

Consoante se tem feito nos prelios anteriores, a LUFA⁴ fará sortear alguns brindes entre as senhoras e senhorinhas presentes, o que sem duvida, constitue mais um motivo de atracção na parada desportiva em referencia (A TRIBUNA, 1939, n. 1303, p.03).

Em Uberaba, a partir da reportagem que anunciou o encontro do time local (Uberaba) com o de São Paulo (Palestra Itália), qual pedia para que “os sr. torcedores e as lindas torcedoras podem assim, desde já ir afinando as suas gargantas para a maior torcida que já se viu dentro das fronteiras de Minas Gerais” (LAVOURA E COMMERCIO, 1933, n. 6053, p.02), podemos fazer duas interpretações acerca de tal pedido. A primeira é a de que a imprensa ao adjetivar as mulheres presentes nas torcidas como ‘lindas torcedoras’ reforça que estavam no espaço desse divertimento as mulheres que tivessem o ideal de beleza vigente. Uma segunda interpretação é a de que o futebol permitiu que o sexo feminino estivesse em seu espaço não somente para credibilizá-lo com a sua beleza, mas puderam torcer, gritar, como o trecho supra sugeriu.

Sobre torcedoras em outras regiões mineiras, Neto *et al* (2013) disserta que em Belo Horizonte após 1910, quando clubes esportivos tiveram mais baluarte nessa cidade, as mulheres também se fizeram presentes nas assistências do futebol com um sentido que foi além do de ornamentarem. O que confrontou muitas das normas sociais vigentes que apregoavam a passividade como uma característica fundamental do ser mulher. Ainda sobre a participação delas nas torcidas e no espaço dessa modalidade atlética na capital mineira, ressaltamos que existe um grande destaque da região contado pela historiografia:

Percebido como prática sofisticada, o futebol foi capaz, desde seu início na capital mineira, de atrair a presença feminina numa sociedade marcada pelo machismo. A constituição de ambiente compreendido como familiar possibilitava a frequência das meninas e das mulheres, assim como sua participação na vida dos clubes. Com isso, o desenvolvimento do esporte em Belo Horizonte contava com a atuação de número maior de seus habitantes, para além dos mais diretamente relacionados com ele (RIBEIRO, 2007, p.145).

⁴Liga Uberlandense de Futebol Amador (A TRIBUNA, 1939, n.1301, p.03).

Ribeiro ainda apresenta considerações de que foi a mãe do fundador do time Atlético, Alice Neves, que constituiu no início do século XX a primeira torcida organizada feminina do Brasil:

Alice ia de casa em casa pedindo aos pais autorização para que suas filhas – algumas delas, irmãs dos próprios fundadores – integrassem o grupo. Conseguiu reunir cinquenta moças. Alice Neves era uma torcedora e tanto! As camisas e os calções usados pelos primeiros jogadores foram feitos em sua casa (GALLUPO, 2005, p.38-39 apud RIBEIRO, 2007, p.144).

Sobre outros momentos e práticas esportivas em que constam da presença feminina de forma destacada no início do século XX no Brasil, vale dizer que as “primeiras décadas de 1930 correspondem ao nascedouro da natação competitiva feminina”, e mesmo que algumas tentativas tivessem acontecido nos anos anteriores, no contexto em questão “a natação gozava de fama de dispensar a força muscular, portanto, não prejudicando as virtudes femininas de graciosa fragilidade imposta pelo machismo dominador” (LENK, 1982, p.17).

Em Uberlândia, dois espaços foram pensados para a “recreação útil ao corpo e ao espirito” (A TRIBUNA, 1935, n. 920, p.01) envolvendo a natação: O rio Uberabinha e sua piscina, e o *Praia Club*. A reportagem extraída do *Jornal de Uberaba* para o *A Tribuna* nos faz refletir um pouco sobre a repercussão da natação em Uberlândia e no Triângulo Mineiro, visto que o jornal de outra cidade dessa região anunciou que:

Uberlandia, a encatadora cidade vizinha, mais que qualquer outro centro esportivo do Triangulo, é a que mais se tem avantajado na pratica do salutar esporte, que é a natação. São inumeros os que ali o cultivam com carinho todo especial. Por isso, o rio Uberabinha, diariamente se apresentava com as suas margens repletas de grande e afficionados que alli iam, com religiosa pontualidade, retemperar os musculos, no melhor e mais sadio exercicio physico. Um dia, porem, os interesses comerciaes mataram os encantos daquelas margens. Construiram, um pouco acima daquelle pitoresco recanto uma xarqueada. A alma esportiva uberlandense sentiu essa perda, mas não desanimou. Fez nascer na cidade uma corrente tão forte de sympathia em torno da construção de uma piscina (A TRIBUNA, 1935, n. 876, p.02).

A Piscina de Uberlândia contava com o projeto de uma torre de salto definitiva, mas dispunha de uma “torre de salto provisório”, espaço onde era possível exercitar o “water polo e o salto” (A TRIBUNA, 1935, n. 910, p.04). Não nos constam informações se as mulheres praticaram essas duas modalidades na cidade, no entanto, vale apresentar que no Primeiro Campeonato Paulista de Natação Feminino em 1932, incluiu-se no programa o nado livre,

nado de peito, nado de costas e também os saltos de trampolim (LENK, 1982, p.23), podendo sugerir, desse modo, que a prática do salto fazia parte do aprendizado aquático das mulheres.

A presença da Piscina e do *Praia Club* no mesmo espaço mudaram definitivamente a rotina de Uberlândia. Lugares como esses, além de fomentarem as práticas esportivas aquáticas serviram de ponto de encontro e de socialização para ambos os sexos. Segundo a imprensa local, era “uma especie de *footing* ou ponto obrigatório da cidade. Ir-se ahi é o mesmo que estar num ponto de diversão” (A TRIBUNA, 1935, n. 910, p.04).

Além de o *Praia Club* ser apresentado como o primeiro espaço para a efetiva prática de exercícios físicos pelas cidadinas, tal permissividade e incentivo do clube em relação ao sexo feminino fez a imprensa local anunciar que “a mulher uberlandense, pelo que ha aqui de mais chio e evoluido, amparou e victoriou” (A TRIBUNA, 1935, n. 910, p.04). Também que a piscina possuía em separado “horas para o sexo feminino” se dedicar a modalidade atlética, pois “nem todas sabem nadar e não desejam aprender deante dos homens”, sendo a esquiwa considerada “uma parte da vaidade feminina perfeitamente desculpável” (A TRIBUNA, 1935, n. 959, p.01).

Na reportagem sobre o esvaziamento do *Praia Club*, motivado por um *rally aéreo*, a imprensa local destacou o quão estava sendo significativo o desenvolvimento da prática da natação em Uberlândia, e também, corrobora com a reflexão de que a presença das mulheres nos divertimento era somada ao requisito físico de beleza, e agora se potencializava por estarem vestidas de *mail-ots*. Segue:

Houve como que uma pausa no banho publico de Uberlandia. As “nageuses” ficaram por instantes olhando o avião e se deliciaram, ora com a poeira soprada pelo mesmo, ora com o vôo que as transportavam a um verdadeiro banho de luz e ar. A assistencia retrahiu-se; correu ao campo da aviação e por dois dias ou mais deixou de apreciar os lindos *mail ots*, os saltos, as provas natatórias, os doces encantos de um banho no Praia Club ou da Piscina. Os dias quentes ahi estão para tornarem mais agradáveis e attrahentes as aguas destes dois pontos excelentes de recreação util ao corpo e ao espirito. Quando ahi estamos, isto é, as margens do Rio brilhante ou das aguas azues da piscina, esquecemos, por momentos, os dissabores da vida. E’ que a agua faz-nos recordar, quem sabe, os dias de uma vida primitiva em que o homem vivia da caça e da pesca, mergulhado nos rios e mares, ou si quisermos recuar um pouco mais poderemos dizer – desperta dentro de nós qualquer coisa que não sabemos dizer, porem que os sábios asseveram ser uma atração directa... Seja o que fôr. Com os ultimos retoques da piscina e fundação do Praia Club, Uberlandia deixou de ser aquella cidade sem outras diversões que as usuaes para possuir uma das melhores e mais agradaveis (A TRIBUNA, 1935, n. 920, p.1).

Um achado de destaque em nossa pesquisa, contudo não bem investigado, é o fato de que provas mistas aconteceram no *Praia Club* em 1935, entre os irmãos Maria e José Theophilo e Ruth Tibery. Essa última obtivera destaque no anúncio da competição, e podemos perceber a valoração de uma característica física da atleta que talvez ilustre o ideal de mulher requerido à época:

Filha do distinto casal Florestano Macedo Tibery, a ‘garota’, de 14 anos incompletos, robusta que bem traduz a salubridade dos nossos climas, é a maior revelação do nado uberlandense, apresentando uma resistencia admirável e uma disposição que a faz um dos melhores e mais sadios elementos da nossa Piscina e Praia Club (A TRIBUNA, 1935, n. 913, p.4).

Dentre outras provas sediadas no *Praia Club* na primeira metade do século XX, o II Campeonato Aberto do Interior de 1937 foi anunciado com muito destaque pelo jornal local, e nesse evento percebemos que as mulheres competiram nas provas aquáticas. Também lidos como Jogos Abertos do Interior, se tratam de competições esportivas interestaduais realizadas no interior do País. Foram instituídas em 1936 em Monte Alto (SP), cujos mentores esportivos deram crédito à ideia de Babi Barioni, criador e organizador das cinco primeiras edições do evento (A TRIBUNA, 1938, n. 1252, p.01). Os Jogos foram inaugurados apenas com a modalidade Cestobol, ficando Uberlândia com o primeiro lugar nos campeonatos de 1936 a 1938.

Na edição sediada no *Praia Club* em 1937, foram apresentadas nas provas aquáticas um grande quadro com a participação feminina não só das cidadinas, mas de algumas competidoras referências para a época, como as irmãs Lenk: Maria Lenk, “conhecida nadadora paulista, campeã sulamericana e diretora técnica do Ginásio de Amparo” (A TRIBUNA, 1937, n. 1138, p.01), uma das pioneiras a competir na modalidade esportiva natação no País (LENK, 1982), além de ser a “primeira atleta feminina enviada pelo Brasil à Olimpíada de 1932, em Los Angeles, na época com 17 anos” (GOELLNER, 2005); e Sieglinda Lenk, campeã brasileira de nado de costas (A TRIBUNA, 1937, n. 1138, p.01) e atleta de destaque no Minas Tênis Clube de Belo Horizonte (ALTEROSA, 1939).

Natação

Foram realizadas, hontem, às provas preliminares de natação, cujo torneio continua, hoje e amanhã, quando teremos o resultado final da competição.

100 mts. - Nado livre fem.

1. Maria Ilda Pardi, 2. Regina Aschar, 3. Conceição Carneiro.

100 mts. – Fem. Nado livre.

1.Maria Lenk, 2. Yole M. Marques, 3.Elza Coutinho.

200 mts. - Nado de costas

Demonstração pela srta. Linda Lenk

400 mts. – Nado livre fem.

1.Maria Lenk, 2. Regina Aschar, 3. Maria Tiberi.

Demonstração de braçadas por Sieglinda Lenk.

400 mts. – Nado livre fem.

1.Yole Vilela, 2. Maria Inez Lombardi, 3. Nilze Lombardi.

Demonstrações

200 mts.- Nado de peito por Maria Lenk e 50 mts. pela garota prodígio Elzinha Lombardi com 6 anos de idade apenas (A TRIBUNA, 1937, n. 1138, p.1).

As provas femininas de atletismo só foram anexadas no programa competitivo em 1942 (A TRIBUNA, 1943, n. 1672, p.3). Porém, não encontramos maiores detalhes sobre a edição desse ano no jornal analisado. “Todos os bons esportistas se tornam melhores patriotas: os jogos abertos do interior são uma escola de civismo e brasilidade sem par. Participar deles, é tornar o Brasil maior e mais forte” (A TRIBUNA, 1943, n. 1691, p.03). A partir desse trecho, entendemos que a participação dos sujeitos nos Jogos Abertos do Interior pôde ser interpretada como fomentadora dos discursos vigentes, em que as práticas corporais e esportivas foram usadas como “instrumento” para a submissão dos corpos a certos ideais (BRACHT, 2005).

No caso da participação das mulheres nesse momento percebemos que as provas contaram com nadadoras de renome na cena nacional de então, o que pode ter incentivado as locais a continuarem se envolvendo com a natação. Também refletimos que o destaque dado a prática feminina nesse esporte pode ter sido pela crença de que era uma modalidade leve e ideal para elas, pois a prática não comprometeria as funções uterinas das envolvidas que logo deveriam gestar, ou, que futuramente gestariam, visto que no II Campeonato Aberto do Interior, uma garota de 6 anos pode fazer demonstrações atléticas como supratranscrito.

Com relação aos investimentos no esporte aquático em Uberaba, em 1943, a imprensa celebrou a existência um “lindo poço” cujo espaço seria preenchido no máximo por um corpo, construído nas dependências do *Sanatório Smith*, conhecido também como *Santa Casa de Misericórdia de Uberaba* (A TRIBUNA, 1943, n. 1691, p.3). No entanto, ainda se fazem necessárias buscas de outras fontes e referências para descobrirmos os possíveis porquês da construção de um poço neste âmbito ser celebrada pela imprensa como um investimento no esporte aquático local, ou mesmo para a melhor compreensão do que era considerado esporte nessa região.

Pesquisando um pouco a respeito da presença de poços em hospitais, encontramos informações sobre a prática da balneoterapia: “uma forma de hidroterapia na qual a imersão total ou parcial do corpo” era utilizada para tratamentos fisiológicos e mentais (FRATUCCI *et al*, 2014, p.57). Tal informação nos leva a refletir que o fato desse poço fazer parte do conjunto arquitetônico da *Santa Casa*, pode fazer mais sentido anunciá-lo neste artigo como um aparato clínico e não esportivo como o jornal o fez. Desse modo, será que tal afirmação se deu para que Uberaba não estivesse a margem dos investimentos de Uberlândia, visto o reconhecimento da natação como uma importante prática atlética neste recorte temporal? Será que nesse anúncio fazia-se incluir a preocupação com a prática das uberabenses na natação? São questões que podem sustentar outras pesquisas.

Sobre a presença das mulheres em competições esportivas na cidade de Uberaba, diferentemente de Uberlândia, não foi anunciada a presença de um local propício a competição aquática, nem mesmo no poço supracitado. Percebemos a prevalência de incentivos advindos do espaço escolar que defendia a promoção e incremento da educação física das alunas através do voleibol e cestobol. Fato que se assemelhou a outras cidades mineiras, como por exemplo, Belo Horizonte. Moreno *et al* (2009), apresenta que nessa cidade, na Escola Normal Modelo da Capital, as alunas tinham na grade curricular os conteúdos de *gymnastica*, canto e trabalhos manuais, e em momentos festivos, como na cerimônia de 7 de setembro de 1917, demonstrações das práticas esportivas que elas aprendiam no recinto foram destacadas pela imprensa belo-horizontina:

[...] A festa escolar foi completada com exercicios de gymnastica por todos os alumnos do curso primario, sob o commando da sua professora, d. Olinda de Albuquerque, recebendo muitos elogios, pela correcção com que o executaram. Terminou com uma partida de “basquet-ball”, e outra de “hokey” por dois “teams” de “soratch” das alumnas do 4º anno do curso normal, dirigida pela professora da cadeira, d. Lucia Joviano. Os jogos estiveram attrahentes pela animação e entusiasmo com que foram as partidas disputadas (MINAS GERAIS. Belo Horizonte, 9 de Set. 1917 apud MORENO *et al*, 2009, p.5).

Ainda sobre Uberaba, na posse da diretoria do “Gremio Recreativo”, o jogo de “voleiból entre as alunas do prestigioso estabelecimento educativo” foi incluído na programação desse momento (LAVOURA E COMMERCIO, 1933, n. 6026, p.2). Anunciada pela imprensa da seguinte forma:

VOLEI-BÓL NA ESCOLA NORMAL

Tomará posse amanhã, no salão nobre da nossa Escola Normal, às 14 horas em ponto, á diretoria recentemente eleita do novel e simpático “Gremio Recreativo” da referida casa de ensino. Para comemorar o auspicioso acontecimento realiza-se, ás 15 horas, no campo da Escola, uma animadíssima partida de “volei-ból” entre as alunas do prestigioso estabelecimento educativo. O nosso redator esportivo, agradece, muito penhorado, o convite que lhe foi endereçado para assistir á encantadora festa (LAVOURA E COMMERCIO, 1933, n. 6026, p.02).

Outro evento envolvendo o esporte e a presença feminina em Uberaba foi o torneio inter-estadual de Bola ao cesto e Volei-bol que aconteceu entre as normalistas uberabenses e ribeirão-pretanas. Tal encontro foi apresentado pela imprensa como “a nota chique da semana” e destinaria o seu lucro “ás obras da nova catedral” de Uberaba (LAVOURA E COMMERCIO, 1933, n. 6029, p.2). Antes de apresentarmos a transcrição de tal momento vale refletir sobre os sentidos atribuídos as práticas esportivas pelas mulheres. Parece que a caridade era um.

A nota chique da semana, no nosso mundo esportivo, é sem dúvida a que se refere aos grandes torneios inter-estaduais de volei-bol e de bola ao cesto, entre as alunas das Escolas Normais de Ribeirão Preto e Uberaba, já combinados. Esses importantes jogos que estão marcados para o próximo domingo, 29, serão disputados no campo do Uberaba E. Clube, gentilmente cedido. As distintas senhorinhas que integram os quadros uberabenses, desejando ser dignas adversarias das suas gentis colegas de Ribeirão Preto, estão se entregando a rigorosos treinos. Os jogos, pois, onde baterão adversarios que bem se equivalem, prometem ser sensacionais [...] O produto liquido dessa brilhantíssima festa de aproximação e esporte, destina-se também ás obras da nossa nova catedral (LAVOURA E COMMERCIO, 1933, n. 6029, p.02).

Sobre o treino das jogadoras para o encontro supra, apresentado como o “mais proveitoso da semana” das “gentis e graciosas jogadoras” para o jogo com “as afamadas cestobolistas” de Ribeirão Preto, apresentou-se que “está marcado para hoje mais um exercício em que os treinadores procurarão corrigir alguns defeitos que o quadro ainda possui, todos de somenos importancia, entre os quais” (LAVOURA E COMMERCIO, 1933, n. 6032, p.2):

Ruth, jogadora inteligente e oportunista, precisa jogar com mais rapidez e fazer marcação mais segura; Ceci, que joga satisfatoriamente, não está encestando com calculo e nem com segurança; Julinha é a alma do ataque; pelos passes magistrais que sabe fazer e, sobretudo, pela segurança dos seus golpes contra a cesta; Noemi, também inteligente, está em forma faltando-lhe somente um pouco mais de energia; Isaura está perfeita na sua posição e

em grande forma; Zenaide, com um pouquinho mais de força de vontade ficará igual a Isaura; Zuleika é uma perigosa atacante, mas não gosta de ajudar a defesa; Ilda, na linha, está ás mil maravilhas, combinando admiravelmente com Cecy e Julinha (LAVOURA E COMMERCIO, 1933, n. 6032, p.2).

O referido encontro interestadual entre as normalistas de Uberaba e Ribeirão Preto aconteceu no intervalo da partida de futebol masculino entre os times da Faculdade de Direito e da A.A.A. Tal informação sugere que mesmo com todos os ajustes técnicos apresentados acima, que a competição entre as mulheres pode ter acontecido nesse momento com o sentido de ornamentarem um encontro prioritariamente masculino, mais do que efetivamente competirem entre si. Segundo o *Lavoura e Commercio*:

A turma local, que mostrou enorme superioridade nesse gênero de esporte, sobre a contenedora, logrou obter uma linda vitória pelo score de 2 x 0. As gentis jogadoras dos dois grupos foram muito aplaudidas pela assistência. O jogo foi arbitrado pelo esportista sr. José Porfirio que, também dessa vez, contentou as vencidas e as vencedoras (LAVOURA E COMMERCIO, 1933, n. 6035, p.02).

Sobre a presença do voleibol e cestobol em Uberlândia, em 1937 a imprensa anunciou que os quadros das cestobolistas e voleicistas de Uberaba “virão, brevemente, a esta cidade, onde disputarão algumas partidas desses dois apreciados esportes” (A TRIBUNA, 1937, n. 1054, p.03). Através desse anúncio percebemos que as esportistas das distintas cidades, Uberaba e Uberlândia teceram disputas através dessas modalidades, fazendo refletir que em Uberlândia, no recorte temporal estudado, as cidadinas também estiveram em outras modalidades esportivas além da natação.

Todavia, destacamos que a presença das mulheres nas competições esportivas em Uberlândia foi mais evidenciada pela imprensa na prática da natação do que em outras, como voleibol e cestobol. Questionamos se isso foi devido ao fato de ter-se mantido o foco na divulgação de acontecimentos a respeito do rio citadino, *Praia Club* e eventos que foram sediados no recinto, para afirmação da modernidade de uma cidade que pode ter representado também o progresso de uma região como um todo - o Triângulo Mineiro, fazendo com que fosse considerada pela imprensa e sociedade local como mais moderna perante outros municípios, como Uberaba, por exemplo.

Outra reflexão é se em Uberaba as modalidades esportivas femininas foram menos praticadas pelas cidadinas, ou menos divulgadas pela imprensa por estarem mais associadas

aquelas já praticadas por elas no âmbito escolar, e por fim, se pela ausência de um local para a prática da natação, visto a importância dada a participação feminina nessa modalidade no período estudado.

Apostamos na primeira reflexão que vai ao encontro da afirmação de que “a imprensa deve exaltar para melhor se difundir” (VIGARELLO, 2009, p.455). Isto é, a imprensa local pode ter veiculado muito mais as práticas aquáticas de Uberlândia pelo fato de elas denotarem a modernidade esperada para a época.

À guisa de conclusão, a partir das reflexões dos estudos de gênero (SCOTT, 1990, BUTLER, 2000), gênero e esporte (GOELLNER, 2000; 2005; 2008) juntamente com a análise do *corpus documental* recrutado nesta pesquisa, percebemos o quanto que o lugar da mulher nos divertimentos, em Uberlândia e Uberaba, pode ter sido o lugar do desejo, da submissão aos ideais vigentes, em que ‘apenas’ as bonitas eram convidadas para estarem nesses espaços, por exemplo. Fomentando a formação do matrimônio, pois nesses espaços podiam e certamente aconteciam a formação de casais, visto a possibilidade de encontro entre os pares.

Ao passo que no esporte, não somente como um divertimento, mas também como uma prática corporal para as mulheres, concluímos que mesmo que as adjetivações e normativas se fizessem presentes, a exposição das mesmas, ainda que arraigadas de prescrições, pode ter formatado outros conceitos acerca do ser mulher. Promovendo rupturas de padrões antigos, como o modo de se vestir, se expor, se relacionar, e no nosso caso, desfrutar dos momentos dedicados aos divertimentos, práticas corporais e esportivas, incentivando a emancipação feminina (e desses corpos também) em Uberlândia e Uberaba.

Referências

- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed-Ijuí, 2005. - 136 p.- (Coleção Ed. Física).
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**, Autêntica, Belo Horizonte, 2ª edição.
- CUNHA, Luciana Bicalho da. A imprensa periódica como fonte para a educação do corpo. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, Aracaju. Anais – **V Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2008. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/289.pdf> Acessado em 14 mar. 2017.

- DIAS, Cleber. Primórdios do futebol em Goiás, 1907-1936. **Revista de História Regional** 18(1): 31-61, 2013, p.38. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/4000> Acesso em 14 mar. 2015.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. As atividades corporais e espor-tivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira no início deste século. **Movimento**, ano V, nº 9, 1998/2.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. **Revista Movimento** –Ano VII- n. 13 – 2000/2. Disponível em: www.seer.ufg.br/Movimento/article/download/11785/6983 Acesso em 14 mar. 2017.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazer história. **Revista Pensar a Prática**, v.8, nº 1, 2005. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/106/2275> Acesso em 14 mar. 2017.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX”. Recorde: **Revista de História do Esporte**. Volume 1, número 1, junho de 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/790> Acesso em 14 mar. 2017.
- FRATUCCI, Samantha Caroline Nahat et al. A relação do homem com a água: higiene e terapia. In: **Revista da Universidade Ibirapuera**-Universidade Ibirapuera. São Paulo, v.8, p.56-67, jul./dez.-2014.
- JUNIOR, Halmicar Silveira Dantas Junior. **Esporte, Espetáculo e a Modernidade Republicana em Aracaju: os clubes esportivos como instituições educativas (1909-1918)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.
- LENK, Maria. **Braçadas & Abraços**, Grupo Atlântica - Boa Vista, 1982.
- MELO, Victor Andrade de. Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Vitor Andrade de. **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009, p. 71-105.
- MELO, Victor Andrade de. Desejo de velocidade: o automóvel, o automobilismo e a educação da sensibilidade moderna no Brasil da transição dos séculos XIX e XX. In: **Sentidos e sensibilidades: sua educação na história/ Marcus Aurelio Tabora de Oliveira (Org.)**. – Curitiba: Ed. UFPR. 2012. 180 p. P. 127-148.
- MORENO, Andrea et all. Notícias do Minas Gerais: Rastros da Educação do corpo na Escola Normal Modelo da Capital (Belo Horizonte, 1906-1930).In: **V Congresso de ensino e pesquisa de história da educação em Minas Gerais**, 2009.
- NETO, Georgino Jorge de Souza, *et al.* Das Senhoras e Senhorinhas nos “Grounds” do Sport Bretão: a história das mulheres nos campos de futebol em Belo Horizonte (1904-1920). **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.3, set/2013. Disponível em: https://www.ufmg.br/prpq/images/revistalicere/licerev16n03_a2.pdf Acesso em 14 dez. 2016.
- ROMÃO, Anna Luiza Ferreira. A ginástica forjada no club gymnastico portuguez e no congresso gymnastico portuguez: uma maneira de educar o corpo (rio de janeiro, 1868-1900). **Anais do 8º COPEHE Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais**.
- RIBEIRO, Raphale Rajão Ribeiro. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. Dissertação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VGRO-7AXN6H/disserta_o_raphael_raj_o_ribeiro.pdf?sequence=1 Acesso em 3 abril 2017.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, jul. /dez. 1990, p.5-22.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Luciano Pereira da. **Em nome da modernidade: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado** (Montes Claros, 1889-1926). Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

SILVA, Igor Maciel da; LIMA, Cássia Danielle Monteiro Dias. A bola rolando no 'Triângulo': apontamentos sobre a história regional do futebol no Triângulo Mineiro e seus diálogos com São Paulo no início do século XX. In: **Revista Vozes Pretérito e Devir**. 5ª edição, Universidade Federal do Piauí, 2016. Disponível em <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/viewFile/97/110> Acesso em 14 mar. 2017.

SILVA, Igor Maciel da; AVELAR, Ana Cláudia. A coluna de Alceu Novais e a educação do corpo feminino em Uberaba no início do século XX. In: **Anais Eletrônicos do V EPHIS Encontro de Pesquisa em História da UFMG: Brasil em perspectiva: passado e presente**, 2016. v. 1. p. 278-287.

VIGARELLO, Georges. Estádios – O espetáculo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. **História do corpo: As mutações do olhar: o século XX**. 3.ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009, p.445 – 480.

Fontes

ALTEROSA. Belo Horizonte, ano I, n. 1, agosto de 1939.

A TRIBUNA. Uberlândia, 6 ago. 1933, n. 713, p. 3

A TRIBUNA. Uberlândia, 11 out. 1933, n. 730, p. 2.

A TRIBUNA. Uberlândia, 7 set. 1935, s/n, p.20.

A TRIBUNA. Uberlândia, 16 mar. 1935, n. 876, p. 2.

A TRIBUNA. Uberlândia, 10 jul. 1935, n. 910, p. 4.

A TRIBUNA. Uberlândia, 21 jul. 1935, n. 913, p. 4.

A TRIBUNA. Uberlândia, 14 ago. 1935, n. 920, p. 1.

A TRIBUNA. Uberlândia, 28 dez. 1935, n. 959, p. 1.

A TRIBUNA. Uberlândia, 10 abril 1937, n.1054, p.3.

A TRIBUNA, Uberlândia, 28 agosto 1937, n. 1134, p.6.

A TRIBUNA. Uberlândia, 11 set. 1937, n. 1138, p.1.

A TRIBUNA Uberlândia, 4 maio 1938, n. 1203, p.5.

A TRIBUNA. Uberlândia, 19 out. 1938, n. 1252, p.1.

A TRIBUNA. Uberlândia, 26 abril 1939, n.1296, p.1.

A TRIBUNA. Uberlândia, 14 maio 1939, n.1301, p.3

A TRIBUNA. Uberlândia. 11 jun. 1939, n. 1303, p.3.

A TRIBUNA. Uberlândia, 9 mai. 1943, n.1672, p.3.

A TRIBUNA. Uberlândia, 15 jul. 1943, n. 1691, p.3.

LAVOURA E COMMERCIO. Uberaba, 11 jul. 1918, n. 2097, p.3.

LAVOURA E COMMERCIO. Uberaba, 21 out. 1933, n. 6026, p.2.

LAVOURA E COMMERCIO. Uberaba, 25 out. 1933, n.6029, p.2.

LAVOURA E COMMERCIO. Uberaba, 25 out. 1933, n. 6032, p.2.

LAVOURA E COMMERCIO, Uberaba, 1 nov. 1933, n. 6035, p.2.

LAVOURA E COMMERCIO. Uberaba, 14 nov. 1933, n. 6046, p. 2.

LAVOURA E COMMERCIO. Uberaba, 23 nov. 1933, n. 6053, p.2.

LAVOURA E COMMERCIO. Uberaba, 15 agosto 1933, n. 6369, p.4.

LAVOURA E COMMERCIO. Uberaba, 4 set. 1933, n. 6382, p.4.

LAVOURA E COMMERCIO. Uberaba, 23 dez. 1933, n.6084, p.4.

NOVAIS, Alceu de Souza. *Lavoura e Commercio*, Uberaba, 27 set. 1933, n. 6407, p.2.

NOVAIS, Alceu de Souza. *Lavoura e Commercio*, Uberaba, 30 set. 1933, n. 6409, p.2.

NOVAIS, Alceu de Souza. *Lavoura e Commercio*, Uberaba, 28 out. 1933, n. 6032, p.2.
NOVAIS, Alceu de Souza. *Lavoura e Commercio*, Uberaba, 6 nov. 1933, n. 6039, p.2.

Recebido em: 06 de maio de 2017.

Aprovado em: 20 de setembro de 2017.